

# PASQUIM FABULÁSTICO

direitas das mulheres deviam ser mutiladas. O seu desprezo pelas mulheres do reino provocou grande comoção e dor.

O que era o sofrimento de uns, era a alegria de outros. O venerável shaitan rejubilou. Castiga-as pelos pecados que cometeram contra os nossos antepassados. Gritos soaram por todo o reino. És o detentor da Palavra. Os soldados executavam as ordens, enquanto as lágrimas escorriam pelas suas faces, forçados a assistir ao tormento das mães, esposas, filhas. Porquê apenas as mãos? Arranca-lhes o sorriso das faces, os olhos das órbitas, os narizes arrogantes. São uma afronta à tua majestade.

Parou para julgar a sensatez desse conselho. Talvez alguma réstia de sanidade ainda existisse nas profundezas recônditas da sua alma, não totalmente dominada pela doença que lhe instigava uma insuperável repulsa por toda a aparência feminina.

O supremo shaitan insistia em se fazer ouvir. Não és digno do teu título se não o fizeres. Purifica o sangue que flui através do teu reino. A

última amarra de razão soltou-se. Ordens foram distribuídas por todos os soldados. Alguns, incapaz de obedecer aos comandos, suicidaram-se, lançando as suas almas nos fogos eternos do Inferno. Outros tentaram rebelar-se, mas foram destruídos pelos zelotas. Nada podia fazer frente à sua vontade. Era guerreiro, místico, santo.

Depois, um dia, a doença atingiu o seu coração. Parou as válvulas que davam vida ao corpo. Tombou do trono sem aviso, lançando com essa morte súbita o seu reino em caos.

Mas o shaitan ainda existia, fazendo parte dessa estranha doença que contaminara um dos grandes homens dessa era, roubando a sua força e destruindo-lhe a razão. Simplesmente, apoderou-se de outra mente e corpo, instigando o ódio à aparência feminina.

Há quem diga que, actualmente, os efeitos dessa doença ainda são visíveis, mas mais subtis. Nunca foi realmente detectada e diagnosticada. A cura está longe de ser alcançada, a não ser que os shaitans desta terra pereçam com as suas palavras de ódio e veneno.

NÚMERO UM



**EDITORIAL**

Este não terá sido o Pasquim Fabulástico tal qual foi imaginado. A falta de tempo e de espaço a mais não permitiram. Espero que o Pasquim possa evoluir em futuras ocorrências da Tertúlia Noite Fantástica. Por isso, deixo-vos aqui o desafio: Participem. Enviem-nos notícias, crónicas, resenhas, links, mini-contos... ou meramente as vossas sugestões (tertulianoitefantastica@gmail.com). Mais uma vez, a Gerência agradece!

Rogério Ribeiro

PS: Agradecimentos à Sandra Rosa (uma feliz coincidência de intenções e um embrião pronto a ser germinado), à Ana Baptista (pelo layout), ao João Lemos (pela ilustração da capa), à Gisela (pela foto), à Lupe (pela paciência) e a todos os presentes nesta versão beta da Tertúlia.

## BEM VINDOS À TERTÚLIA NOITE FANTÁSTICA

A Gerência deste obscuro evento agradece a vossa participação e deseja que a estadia neste mundo paralelo seja da vossa inteira satisfação. Aproveitamos ainda para lembrar que o consumo de substâncias estranhas ao vosso mundo de origem deverá ser feito com moderação. Quanto ao contacto com os demais viajantes, os nossos serviços irão disponibilizar tradutores universais para quem deles estiver necessitado. Uma última nota de aviso: ao voltarem aos vossos mundos, agradecemos que tenham cuidado com o degrau e com a porta, que é baixa...

## CALENDÁRIO

### 6 DEZ 2006

Inauguração do canal SciFi Channel em Portugal. Disponível no pacote Meo.

### 12 DEZ 2006

Publicado o artigo de fundo “O Grande Sono da Ficção Científica”, de Eduarda Sousa, no jornal Público. Com ilustrações de João Fazenda.

Memorial a Jorge Luís Borges inaugurado no Jardim do Arco Cego em Lisboa. Presenças de José Saramago e Maria Kodama.

### 13 DEZ 2006

Grupo de profetas loucos reúne-se no Chiado, em Lisboa. Um pisa uma borboleta e o Futuro colapsa.



## LANÇAMENTOS

“Lisboa Triunfante”, de David Soares, com Rui Tavares (acima). “Do Céu para a Terra, da Terra para o Céu”, de José Carlos Joaquim, com Paulo Moreira (abaixo). Crónicas na próxima edição do Pasquim.



## A ESTRATÉGIA (SUBTIL) DAS IDEIAS

POR JOÃO VENTURA

As ideias são.

Habitam nos nossos cérebros por conveniência, porque os neurónios são confortáveis, mas a sua natureza é a de viajantes compulsivas. E sempre que uma quer viajar, fabrica uma cópia de si própria, força o hospedeiro a emitir palavras, e a cópia vai transportada pelas palavras até atingir outro cérebro. E aí interage com as ideias que já moravam nesse cérebro, e dessa interacção nascem frequentemente outras ideias...

Hoje em dia estas movimentações das ideias

estão muito facilitadas, e vemos ideias transportadas por bits ou electrões ir para lá e para cá, e nesta rede mundial assistimos ao contínuo nascimento de novas ideias.

E no entanto, as ideias cultivam uma secreta nostalgia de um tempo antigo, em que passavam de cérebro para cérebro, transportadas por palavras ainda toscas, completadas por gestos, olhares, caretas, sorrisos dos seus hospedeiros, sentados à volta de uma fogueira, partilhando o resultado da caçada.

E assim, se pensam que o Rogério e a Sandra decidiram realizar esta tertúlia, esqueçam. Essa é a versão oficial. A realidade é que as ideias deles, em conjunto, os forçaram

(forçar é um termo incorrecto, as ideias são subtis, levam-nos a fazer coisas fazendo-nos pensar que a decisão é nossa) a contactar mais algumas pessoas, de forma a juntarmos-nos aqui à volta de uma mesa, para que essas suas ideias pudessem interagir com as nossas ideias. E como elas, as ideias, gostam disso, fazem com que nós também gostemos disso, e por essa razão viemos, e aqui estamos.

E quem sabe que novas ideias poderão nascer...

PS - É sabido também que há cérebros onde nem com muito esforço se consegue encontrar uma única ideia, mas esses presume-se que não estão aqui, e portanto isso é matéria para outra estória.



## EM NOME DO REI TODO-PODEROSO

POR SAFAA ELDIB

Qual era mesmo a visão?

Havia uma visão que não podia suportar. Queimava a sua mente e provocava-lhe alucinações. A imagem de pele exposta.

Doía-lhe os olhos. A pele exposta causava-lhe náuseas.

Um shaitan, invisível aos seus olhos, sussurrava-lhe a solução ao ouvido. Envolve-as em escuridão. Cobre todas as peles.

A solução pareceu-lhe boa. Mas que justificação lhe dar? Como poderia forçar essa solução sem uma razão válida? Mais uma vez, foi o pequeno shaitan que o guiou. Põe um fim à tentação. Não vêes como elas se exibem com orgulho e vaidade? Sim. Era perfeito. Era líder e rei. A sua palavra tornar-se-ia sagrada, invocando o zelo moral e a defesa dos bons costumes.

O decreto foi anunciado e posto em execução no dia seguinte.

E por um tempo, a sua loucura foi atenuada porque os olhos não penetravam os véus negros que cobriam as cabeças.

Se houve algum indício de revolta, não chegou ao seu conhecimento. Os conselheiros temiam a sua ira, e cobardes como eram, sujeitavam-se a todas as ordens, por mais irracionais que fossem. Mas era a população que sofria as inconstâncias do monarca. E agora, as mulheres tinham sido proibidas de caminhar expostas, em público.

Os homens não sofreram nenhuma proibição, tão só porque eram considerados os filhos predilectos,

livres de pecado. Todavia, as fronteiras entre o certo e o errado, entre a honra e a desgraça, eram constantemente alteradas, estando as nações submissas à vontade caprichosa dos líderes, filhos de outros líderes, numa linha tão antiga como a terra que os viu nascer.

E este não era nenhum mero líder, tendo na ilustre infância sido acometido por visões de Inferno e Paraíso. Guerreiro, místico, santo, nenhum homem comum podia desafiar a sua palavra.

Mas pouco a pouco, as suas acções tornaram-se inconsistentes e cruéis. Os véus negros tinham-se tornado abutres na sua imaginação, devorando os raros momentos lúcidos. Sentia esses abutres a insinuarem-se e a ridicularizarem o seu reino. O grande shaitan encorajava-o. Vê como fazem pouco da tua grandeza. E debaixo desses véus, ocultam doenças contagiosas.

A partir desse momento, a mente do rei enveredou por um caminho íngreme, até se despenhar por completo.

Se os primeiros sinais tinham sido as alucinações e náuseas, o que se seguiu foi a confirmação dos piores receios da família e conselheiros do rei. A sobrinha, porque se atrevera a erguer as mangas em frente do soberano para se refrescar na água das fontes, foi sentenciada à mutilação da mão direita. Foram apenas os rogos da família que impediram que ambos os braços fossem castigados.

Mas isso deu-lhe a ideia de que todas as mãos